

Ser docente em tempos de fake news: a representação de professores de inglês em uma postagem no Instagram do Escola Sem Partido e as dinâmicas dos movimentos anti-LGBTQIAP+

Being a teacher in times of fake news: the representation of English teachers by Escola Sem Partido in a post on Instagram and the dynamics of anti-LGBTQIAP+ movements

Vanessa Moreno Mota  

vanessa.mota@ifrj.edu.br

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – IFRJ

Bruno Cesar Nunes de Andrade  

brunoandrade82@gmail.com

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar a representação de professores de inglês em uma postagem no perfil do Movimento Escola sem Partido no Instagram, que condena o trabalho crítico de professores em escolas brasileiras. Para isso, este artigo busca refletir sobre as consequências das notícias falsas na formação cidadã e sobre o aumento de casos de violência contra a população LGBTQIAP+. Com o intuito de discutir a importância do ensino-aprendizagem de inglês em uma vertente crítica, esta pesquisa se caracteriza como qualitativa (DÖRNYEI, 2006) e se baseia na Gramática do Design Visual (KRESS; VAN LEEUWEN ([1996] 2021) para investigar a relação entre os elementos visuais e os comentários presentes na referida postagem e de que maneiras reforçam discursos anti-LGBTQIAP+. Os resultados deste estudo apontam que o uso de redes sociais por políticos e parte da sociedade mais conservadora, nos últimos anos, tem criado uma “sensação” de verdade (BUCCI, 2018), a qual condena as diferentes identidades de gênero e de orientação sexual (LINS et al., 2016; JUNQUEIRA, 2017, entre outros). Portanto, este artigo afirma a importância de se lutar contra as notícias falsas nas diferentes mídias, e também nas escolas, de forma que se crie o que os documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular defendem: a promoção do letramento crítico (JANKS, 2016) e dos multiletramentos (ROJO; MOURA, 2012) dos estudantes, na construção de um sociedade mais igualitária.

Palavras-chave


Notícias falsas. Professores. LGBTQIAP+.

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 29/10/2022

Aprovação do trabalho: 14/11/2022

Publicação do trabalho: 07/12/2022

 10.46230/2674-8266-14-9491

COMO CITAR

MOTA, Vanessa Moreno; ANDRADE, Bruno Cesar Nunes de. Ser docente em tempos de fake news: a representação de professores de inglês em uma postagem no Instagram do Escola Sem Partido e as dinâmicas dos movimentos anti-LGBTQIAP+. *Revista Linguagem em Foco*, v.14, n.2, 2022. p. 90-108. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/9491>.

Distribuído sob



Verificado com

Plagius
Detector de Plágio

Abstract

This article aims at analyzing the representation of English teachers on an Instagram post by the Movimento Escola Sem Partido account, which condemns the critical work of English language teachers in Brazilian schools. For this, it seeks to reflect on the consequences of fake news on the formation of citizens, as well as on the increase in cases of violence against the LGBTQIAP+ community. In order to discuss the importance of teaching and learning English in a critical way, this research uses a qualitative methodology (DÖRNYEI, 2006), and is based on the Grammar of Visual Design (KRESS; VAN LEEUWEN ([1996] 2021) to investigate the relation between the visual elements and the comments on the post and in what ways they reinforce anti-LGBTQIAP+ discourses. The results indicate that the use of social networks by politicians and part of the more conservative society, in recent years, has created a “sensation” of truth (BUCCI, 2018), which condemns different gender identities and sexual orientations (LINS et al., 2016; JUNQUEIRA, 2017, among others). Therefore, this article affirms the importance of fighting against fake news in different types of media, and also in schools, in order to create what Brazilian official documents, such as the Base Nacional Comum Curricular (BNCC), defend: the improvement of students’ critical literacy (JANKS, 2016) and multiliteracies (ROJO; MOURA, 2012) of students, in building a more egalitarian society.

Keywords

Fake News. Teachers. LGBTQIAP+.

Introdução

O dia alargou. A internet desapareceu. E devido a ubiquidade das tecnologias digitais, nós, humanos, somos capazes de encaixar mais atividades em um período de 24 horas do que há uma década. O uso das redes sociais está tão impregnado em nosso cotidiano que existir e estar no mundo sem conexão é cada vez mais uma possibilidade remota. Sobre o assunto, comentam Araújo e Leffa (2016):

Na virtualidade, as redes têm uma natureza diferente e criadora de coisas, sem ponto claro de entrada ou de saída. Elas cobrem tudo o que existe em todas as áreas da atividade humana, tanto do ponto de vista do indivíduo quanto da sociedade, invadindo o espaço e o tempo. Se, por um lado, parecem reproduzir algo já existente, por outro, as redes fazem também emergir uma realidade diferente, transformando aquilo que pensamos conhecer (ARAÚJO; LEFFA, 2016, p. 15).

Nas redes, dessa forma, o compartilhamento de informações rompe com a centralidade da mídia de massa. Deixamos de ser meros consumidores de informação e passamos a produzi-la. Com rapidez. Com capilaridade. Mas nem sempre com conhecimento, propriedade ou ética. A pletora de informações às quais temos acesso é indiscutível. Discutível é a qualidade e veracidade dessas informações. A função das notícias, a reboque, passa a ser confundir, iludir e manipular.

Com esse mote em mente podemos afirmar que as redes digitais, a comunicação em rede e a proliferação das *fake news* afetam a vida de todos nós em diversas esferas e acarretam desafios e possibilidades. Um dos desafios é a

formação da cidadania reflexiva e o letramento digital crítico (JANKS, 2016) voltado para o processo de ensino-aprendizagem de inglês. Uma possibilidade é a contribuição para um cenário social que reforça discursos heteronormativos. Assim sendo, o presente artigo articula discussões sobre os impactos das notícias falsas na formação crítica dentro das salas de aulas de inglês, os discursos essencialistas e normativos e os efeitos regulatórios de sexualidade e de gênero para criar inteligibilidade sobre a representação de professores de inglês em uma postagem no Instagram do Escola Sem Partido. Além disto, discutimos como tais fenômenos produzem efeitos que reforçam práticas socioculturais que deslegitimam identidades que fogem ao conceito cis-heteronormativo.

Para isso, nos baseamos nos pressupostos teóricos da Gramática do Design Visual (KRESS; VAN LEEUWEN, [1996] 2021), que nos auxilia a compreender que os modos de comunicação estão em constante mutação, indo cada mais além da valorização da fala e da escrita como os modos mais relevantes de se comunicar algo. Tal premissa permite que avaliemos os componentes multimodais das formas de comunicação. Os autores apontam que a multimodalidade em tempos atuais:

(...) abrange significados em um vasto campo da atividade social humana. Aplica-se em áreas que, neste momento, ainda são tratadas por disciplinas distintas. Dado que o mundo descrito por cada uma dessas disciplinas mudou, de modo que as fronteiras disciplinares não mais coincidem com as atividades, práticas e demandas do mundo, é cada vez mais o caso de os problemas desse mundo serem tratados por uma conjunção de disciplinas e uma conjunção de modos. Os problemas contemporâneos cruzam as fronteiras disciplinares; e com isso, meios semióticos. Podemos dizer que a multimodalidade implica multidisciplinaridade, ou que lidar com problemas contemporâneos envolve as ferramentas semióticas de uma conjunção de muitos modos (KRESS; VAN LEEUWEN, [1996] 2021, p. 40).

Entendendo que para compreender o impacto das fake news e dos movimentos regulatórios de sexualidade e de gênero na vida cotidiana devemos cruzar algumas fronteiras disciplinares, organizamos o texto em três partes. Na primeira delas, discutimos a importância do ensino-aprendizagem de inglês em sua vertente crítica como proposição para o enfrentamento de discursos moralizantes nas redes sociais. A segunda parte traz a análise de dados, discutindo a representação de docentes de línguas inglesa pelo perfil do movimento Escola Sem Partido na rede social Instagram. Na terceira e última seção, retomamos a discussão trazendo algumas provocações e considerações finais.

1 Fake News e os impactos na formação crítica no ensino-aprendizagem de língua inglesa

A temática das notícias falsas, ou fake news, é abordada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como ponto a ser explorado em sala de aula. Sua importância advém da busca por atender a necessidade de demandas sociais contemporâneas que exigem que estudantes desenvolvam a habilidade de "(re) conhecer textos e informações verídicas em fontes diversas (impresas, digitais, orais etc.), avaliar a qualidade e utilidades das mesmas, além de distinguir fatos de discursos de opinião" (BRASIL, 2018, p. 151).

Na BNCC, a área de Linguagens é composta pelos componentes curriculares de Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e, no Ensino Fundamental – Anos Finais, Língua Inglesa. O documento aponta que ao longo do final do Ensino Fundamental II, durante os 8º e 9º anos, estudantes devem desenvolver a habilidade de:

(EF09LP01) Analisar o fenômeno da disseminação de notícias falsas nas redes sociais e desenvolver estratégias para reconhecê-las, a partir da verificação/avaliação do veículo, fonte, data e local da publicação, autoria, URL, da análise da formatação, da comparação de diferentes fontes, da consulta a sites de curadoria que atestam a fidedignidade do relato dos fatos e denunciam boatos etc. (BRASIL, 2018, p. 177).

Mais especificamente, a BNCC propõe desenvolver consciência linguística crítica sobre linguagens a partir de reflexões sobre usos da língua inglesa em diferentes práticas, esferas de

circulação e modalidades. O texto enfatiza o ensino de língua inglesa que supere fronteiras que o sujeito possa ter com outras linguagens, para a formação de uma sociedade mais crítica e do reconhecimento das diferenças, fomentando a reflexão sobre o mundo. A BNCC sugere, ainda, uma ênfase relacionada à importância de considerarmos as práticas do mundo digital e a exploração de multiletramentos para a ampliação de conhecimentos.

Com isso, faz-se importante, como educadores e linguistas aplicados, nos perguntar o que podemos realizar dentro de sala de aula para fomentar em nossos estudantes uma postura questionadora que faça frente às consequências de um letramento sem criticidade. Tal comportamento é crucial nos dias atuais, uma vez que temos vivenciado na mídia um forte apelo aos sentimentos e convicções que correlacionam aquilo que é lido com opiniões preconcebidas sobre aqueles que lêem (D'ANCONA, 2018; DAVIES, 2016; DUNKER, 2017; JONES, 2017; TIBURI;

2017). Vivemos, portanto, no mundo da comunicação e informação digitais onde o uso das emoções, das crenças e ideologias possuem mais impacto na formação da opinião pública do que os próprios fatos em si.

Uma das possibilidades para a promoção de habilidades voltadas para a criticidade é o trabalho com letramento crítico. O conceito de letramento surge a partir do próprio sentido de alfabetização (BATISTA; SOARES, 2005). Para Batista e Soares, o conceito de letramento corresponde ao “conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades envolvidos no uso da língua em práticas sociais e necessários para uma participação ativa e competente na cultura escrita” (BATISTA; SOARES, 2005, p. 50). Dessa maneira, faz-se mister destacarmos a diferença entre os termos “letramento”, “alfabetismo” e “alfabetização”:

(...) o termo letramento busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles socialmente valorizados ou não, locais (próprios de uma comunidade específica) ou globais, recobrendo contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola etc.), em grupos sociais e comunidades culturalmente diversificadas. Difere, portanto, acentuadamente, tanto do conceito de alfabetização quanto do de alfabetismo(s). Letramento(s) é um conceito com uma visada socioantropológica; alfabetismo(s) é um conceito de base psicocognitiva; alfabetização designa uma prática cujo conceito é de natureza linguístico-pedagógica” (ROJO; MOURA, 2019, p. 16).

O cenário global digital, portanto, impulsiona professores a compreenderem, mais amplamente, um sentido de letramento que dialogue com a atual realidade. Janks aponta que “é preciso ter controle sobre a produção de textos e sobre as tecnologias que nos permitem produzi-los” (JANKS, 2016, p. 36), ou seja, uma vez que letramento crítico implica o uso de linguagem, é necessário ter conhecimento das tecnologias necessárias para criação desses significados. O letramento crítico, então, é alcançado pelo desenvolvimento da habilidade de manuseio das mídias digitais, assim como pela capacidade de análise crítica. Rojo e Moura (2012) reforçam que para uma formação baseada nos multiletramentos,

[...] são necessárias novas ferramentas – além das da escrita manual (papel, pena, lápis, caneta, giz e lousa) e impressa (tipografia, imprensa) – de áudio, vídeo, tratamento da imagem, edição e diagramação. São requeridas novas práticas: (a) de produção, nessas e em outras, cada vez mais novas, ferramentas; de análise crítica como receptor (ROJO; MOURA, 2012, p. 16).

Uma abordagem do ensino-aprendizagem de inglês baseada nos multiletramentos pode colaborar para a percepção e construção de criticidade nos aprendizes, conduzindo-os a aceitar ou rejeitar informações e transformá-las em

conhecimentos que façam sentido em seus contextos socioculturais. Uma delas é a problematização e o debate de artefatos multimodais como as imagens. As imagens veiculadas através das redes sociais, por exemplo, são muitas vezes encaradas como legendas ou anexos de um texto verbalizado, uma vez que carregam sentidos e ideologias criados por alguém em seu benefício ou em benefício de uma organização ou comunidade, o que fatidicamente exclui outras perspectivas. Concordamos com Takaki (2012), ao apontar que as imagens não suscitam sentidos universais, já que variam de contexto para contexto, de indivíduo para indivíduo, o que as tornam instrumentos pedagógicos interessantes para a sala de aula de inglês.

Nesse sentido, para o professor de inglês a responsabilidade educacional, discursiva e tecnológica é ampliada. Faz-se necessário desenvolver múltiplas habilidades de construção de conhecimento em sala. As aulas de inglês devem abrir espaço para um olhar mais crítico do mundo, além do aspecto comunicativo, conforme apontam as Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Língua Estrangeira (OCM-LE, 2006). Assim, o processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa pode contribuir para a formação da cidadania reflexiva e crítica, que pode ser alcançada através da problematização das diversas manifestações linguísticas e da interação, produção e negociação de significados com base em imagens, sons e animações no mundo virtual.

De acordo com Ferreira e Couto Junior (2018), interagir e negociar significados em/na rede na mobilidade através de dispositivos digitais móveis que estão em constante conexão, possibilitam que informações sejam produzidas e compartilhadas por usuários a qualquer momento e em qualquer lugar. Assim, faz-se importante a necessidade de considerarmos constantemente o conteúdo de informações postadas, uma vez que qualquer pessoa é um internauta capaz de emitir informação para/na rede (LEMOS; LÉVY, 2010). Ressaltamos o argumento desses autores, ao apontarem que "um livro não é 'bom' porque ele é publicado, uma notícia não é 'verdadeira' porque ela é anunciada na televisão" (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 95). O mesmo raciocínio é válido para o mundo digital: uma postagem não é verídica ou de qualidade porque foi publicada na Internet ou porque possui uma quantidade considerável de engajamento e compartilhamentos.

Além de seus efeitos em sala de aula, o fenômeno das fake news nos auxilia a compreender eventos dentro das esferas sociais mediadas pelo mundo digital como as eleições presidenciais de 2018 no Brasil. O então candidato à presidência da República, Jair Messias Bolsonaro, foi beneficiado com o compartilhamento de notícias falsas para o alavancamento de sua candidatura, resultando na sua

vitória, de acordo com dados do Grupo de Pesquisa em Comunicação Política e Opinião Pública (UFPR)¹. Com isso em mente, o pesquisador Bucci (2018) apontou que a diferenciação entre os partidos de esquerda e direita não seria a estratégia utilizada, uma vez que ambos utilizaram-se da propagação das fake news, mas sim na maior predisposição de grupos mais conservadores para criar e compartilhar tais notícias.

Bucci (2018) enfatiza que o resultado da triangulação entre as redes sociais, as fake news e políticos populistas conservadores não é baseado somente na tecnologia, mas no “fenômeno político, essencialmente político, que se viabiliza pelas tecnologias digitais por meio de gente engajada em organizações hierarquizadas e de classes sociais mais altas” (BUCCI, 2018, p. 27). Nessa linha de pensamento, as notícias e informações compartilhadas digitalmente nas redes sociais também são capazes de produzir uma “sensação” de verdade devido ao grande número de interações e compartilhamentos e/ou por serem produzidas por alguém que inspira confiança, causando uma forma plena de convicção por parte de quem as consome.

Como sujeitos cada vez mais (inter)conectados, participamos como espectadores ou nos engajamos em debates sobre as mais variadas situações cotidianas e sociais utilizando o espaço das redes digitais para trocarmos experiências que comumente abrem mão dos argumentos construtivos dando lugar ao apelo pelas emoções. Como dito anteriormente, vivemos uma época onde a opinião pública reage mais a apelos emocionais do que a fatos objetivos. Tal período foi desencadeado pela proliferação das notícias falsas, em especial as relacionadas ao mundo político. Conforme aponta D'Ancona (2018, p. 34), “a novidade não é a desonestidade dos políticos, mas a resposta do público a tudo isso. A indignação dá lugar à indiferença e, por fim, à conivência”. Sobre esse assunto, a pesquisadora Recuero argumenta que “a conversação em rede é um espaço frutuoso para a emergência de discussões inflamadas, discursos agressivos e ofensivos e, até mesmo, para a propagação da violência” (RECUERO, 2013, p. 62). Com efeito, não podemos culpar a Internet pelo atual panorama político e cultural do país, nem nos esquivar de nossa responsabilidade sobre os efeitos dos conteúdos por nós produzidos no ambiente digital. Porém, é primordial compreendermos o papel mediador das redes na realidade atual do cenário sóciopolítico e cultural brasileiro.

Dentro dessa perspectiva, este estudo se lança a discutir e a compreender

¹ Disponível em: <https://abrir.link/F2zZ7>. Acesso em: 28 out. 2022.

a representação de docentes de inglês em uma postagem na rede social Instagram pelo movimento político Escola Sem Partido (doravante EsP) e os avanços nas dinâmicas anti-comunidade LGBTQIAP+ (Lésbicas, Gays, Transsexuais/Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais e todos aqueles que não se encaixam dentro do binarismo de gênero e do cis-heteronormativismo). Movimentos anti-pautas progressistas, humanitárias e sociais como o Escola Sem Partido também vêm operando nas redes sociais e são apoiados por organizações e indivíduos conservadores que visam “conter o avanço de políticas voltadas a garantir ou ampliar os direitos humanos de mulheres, pessoas não heterossexuais e outros dissidentes da ordem sexual e de gênero” (JUNQUEIRA, 2017, p. 26). Tais grupos e pessoas são compostos, geralmente, por representantes brancos, cisgêneros, heterossexuais e filiados a alguma crença religiosa que buscam, de acordo com Carvalho, Pocahy e Santos (2017), manter seus privilégios em nome da moral, dos valores, dos costumes e do tradicionalismo familiar. De acordo com Frigotto (2017):

O que propugna o Escola sem Partido não liquida somente a função docente, no que a define substantivamente e que não se reduz a ensinar o que está em manuais ou apostilas, cujo propósito é de formar consumidores. A função docente no ato de ensinar tem implícito o ato de educar. Trata-se de, pelo confronto de visões de mundo, de concepções científicas e de métodos pedagógicos, desenvolver a capacidade de ler criticamente a realidade e constituírem-se sujeitos autônomos. A pedagogia da confiança e do diálogo crítico é substituída pelo estabelecimento de uma nova função: estimular os alunos e seus pais a se tornarem delatores (FRIGOTTO, 2017, p. 31).

É importante reconhecermos que o movimento EsP está longe de ser um movimento apartidário e apolítico. Trata-se da defesa incondicional de uma escola de partido único e absoluto: o partido da intolerância contra visões diferentes de mundo, do conhecimento, do letramento crítico e da liberdade de pensamento.

A fim de discutirmos os impactos no ensino-aprendizagem e a representação de professores de inglês na postagem do perfil do movimento EsP no Instagram, neste artigo nos baseamos no conceito de cis-heteronormatividade, que é entendido como a maneira como a sociedade (re)produz padrões socioculturais que, segundo Miskolci (2012), reforçam a produção de normas regulatórias que definem quais corpos, sexualidades e gêneros são considerados normais. Na busca da manutenção e reiteração da norma cis-hetero, a relação e combinação entre as mais variadas competências sociais e culturais se configuram como tão

importantes quanto as famílias, as igrejas e as escolas (LOURO, 2004; FOUCAULT, 2014). Tais instâncias operam em uma concepção de sujeito e de mundo que são reducionistas, restritas e simplórias, acarretando problemas, reforçando o preconceito e fortalecendo práticas e ações socioculturais que deslegitimam corpos, sexualidades e gêneros deviantes da norma.

Entender os efeitos regulatórios de gênero e sexualidade configura-se como primordial em tempos de violência e ausência de políticas públicas efetivas de proteção da comunidade LGBTQIAP+, principalmente ao analisarmos dados estatísticos que revelam o Brasil como o país que mais mata pessoas transexuais. Pessoas transexuais são os maiores alvos, somando 167 casos (dos 369 ocorridos mundialmente) entre o início de outubro e o final de setembro de 2018, um aumento de 44 casos se comparado ao ano anterior. Somando-se a isso, o dossiê Antra (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) de 2021 aponta que a violência política de gênero seguiu atingindo de forma desproporcional parlamentares trans/travestis. No dia 02 de outubro de 2022, dia das eleições presidenciais, a primeira Deputada Federal trans eleita do estado de Minas Gerais, Duda Salabert, se sentiu obrigada a vestir um colete à prova de balas após seguidas ameaças e intimidações. Tais ameaças são, em geral, motivadas pelas identidades de gênero, sexualidade, raça e as pautas pelas quais esses parlamentares defendem.

Tais efeitos regulatórios também são sentidos por mulheres dentro de sala de aula. Esse foi o caso de Virginia Ferreira, professora de inglês da rede pública de Vinhedo, no interior de São Paulo, que teve parte de sua aula gravada por uma aluna e sofreu processo disciplinar por falar sobre feminismo e equidade de gênero. Virginia solicitou que seus alunos das turmas de 8º ano respondessem a um questionário e fizessem uma pesquisa em casa sobre algumas noções e movimentos históricos sobre o feminismo, abordando alguns estrangeirismos e fazendo uma relação com eixo temático do próprio livro didático, que aborda personagens que tiveram atuação a favor dos direitos civis. O pai de uma de suas alunas prestou queixa na Ouvidoria da Secretaria de Educação, onde, de forma bastante abrangente, alegou que a professora usava suas alunas para ensinar "ideologia de gênero" e feminismo. Em sua defesa, a professora Virginia argumentou sobre o papel do professor de inglês em discutir sobre a condição da mulher e a necessidade de combater a violência de gênero e o feminicídio. Como resultado, a professora foi investigada por negligência e correu risco de sofrer uma punição disciplinar. Em paralelo, Ferreira procurou o Conselho Municipal de Educação e solicitou o posicionamento do Núcleo Especializado de Promoção e Defesa dos Direitos da Mulher (Nudem) da Defensoria Pública do estado de São

Paulo. Em parecer de defesa da professora Virginia, o Nudem contestou que o debate sobre gênero nas salas de aulas está de acordo com o que apontam as convenções internacionais assinadas pelo Brasil e a Constituição Federal. E que também condiz com os direitos à educação, à liberdade de cátedra, ao pluralismo pedagógico e, principalmente, com a Lei Maria da Penha — que reitera que uma das formas de prevenção à violência contra a mulher é a discussão dos papéis de gênero.

Nessa guerra de ideologias, além das mulheres, sofre também a comunidade LGBTQIAP+. Um dado importante revela que 20 milhões de brasileiras e brasileiros (10% da população) se identificam como pessoas LGBTQIAP+, de acordo com a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT). Em torno de 92,5% dessas pessoas relataram o aumento da violência contra a população LGBTQIAP+, segundo pesquisa da organização de mídia Gênero e Número, com o apoio da Fundação Ford. A pesquisa aponta ainda que esses dados estão atrelados à eleição presidencial do Brasil, em 2018. De lá pra cá, 51% das pessoas LGBTQIAP+ relataram ter sofrido algum tipo de violência motivada pela sua orientação sexual ou identidade de gênero. Destas, 94% sofreram violência verbal. Em 13% das ocorrências as pessoas sofreram também violência física. A violência homo/bi/transfóbica, o discurso de ódio e uma ideologia anti-LGBTQIAP+ tem crescido e ganhado muita força nas redes sociais desde 2014, e fez-se mais presente em 2020 e em 2021, diante da crise política, econômica, sanitária e humanitária em que nos encontramos. Aliando o constante estado de alerta de pessoas não-cisheterossexuais a um alarmante cenário conservador que é impulsionado através redes sociais, vivenciamos uma disseminação de discursos de ódio e fake news que abrem avenidas para o preconceito e a violência que angaria adeptos e aproxima grupos antagônicos para a unificação e fortalecimento de uma disputa *cissexista*².

Diante desse panorama de ebulição, entendemos que as questões relacionadas à sexualidade e a gênero sejam discutidas e problematizadas nos âmbitos acadêmicos, educacionais e sociais, para que os ataques violentos e a deslegitimação das identidades de pessoas LGBTQIAP+ sejam desnaturalizados. Em tempos sombrios de fake news e fragilidade humanitária, concordamos com Santaella (2019) ao apostar na importância de uma formação educacional capaz de colocar nossas convicções à prova. Buscamos, então, trazer inteligibilidade para

2 Cissexismo é um conjunto de noções discriminatórias que estabelecem as pessoas trans abaixo das pessoas cis, de maneira institucional e/ou individual. Cissexismo é a instituição social que legitima as identidades cisgêneras, enquanto que deslegitima as identidades transgêneras, garantindo privilégios às pessoas cis.

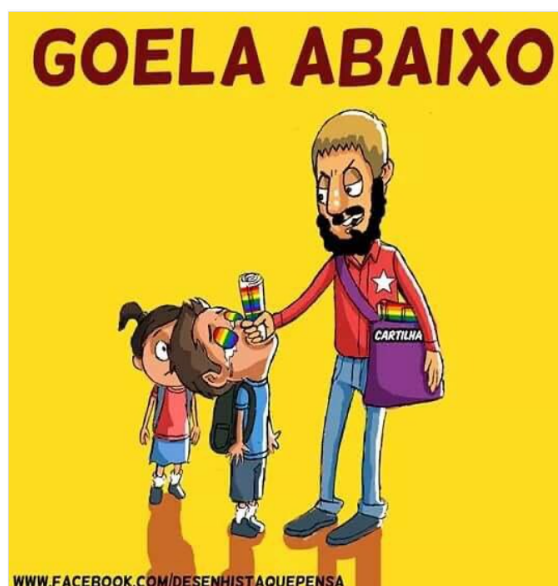
discursos essencialistas e normativos difundidos nas redes sociais que invisibilizam e colocam em posição inferior todos os corpos que desviam dos padrões cis-heteronormativos.

2 A representação de professores de inglês no Instagram do Escola Sem Partido

Conforme exposto anteriormente, a perseguição e as violências físicas e verbais contra os professores são impulsionadas e compartilhadas em diferentes mídias sociais, além de serem, por vezes, baseadas em fake news contra o trabalho docente.

Assim, esta pesquisa se caracteriza como uma pesquisa qualitativa (DÖRNYEI, 2006), uma vez que os dados gerados não envolvem números, nem dados estatísticos. Além disso, esta pesquisa busca analisar a representação de docentes de língua inglesa em uma postagem do Instagram do Movimento Escola Sem Partido (@escolasempartidooficial), realizado no dia 11 de fevereiro de 2020, conforme mostra a Ilustração 1:

Ilustração 1 – Representação de um professor de língua inglesa



Fonte: Perfil do Movimento Escola Sem Partido no Instagram.³

Segundo Kress e van Leeuwen ([1996] 2021), é possível interpretar as ima-

3 Disponível em: https://www.instagram.com/p/B8clmhNjX8x/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 25 ago. 2022.

gens a partir da análise da “paisagem semiótica”, que é uma metáfora para designar que todos os elementos presentes em uma imagem comunicam algo relacionado ao seu contexto sociocultural de produção. Dessa forma, de acordo com a Gramática do Design Visual (doravante GDV), é possível “ler imagens” e relacioná-las com as palavras que as acompanham. Portanto, analisamos, neste artigo, para além dos elementos imagéticos, as leituras feitas tanto pelo administrador da página, quanto pelos seguidores do EspP, através de comentários na referida postagem (Ilustração 1). Nas palavras de Cunha (2018, p. 65), “a atribuição de sentidos para a imagem está atrelada às categorias *pessoas, lugares e coisas* e o modo como elas se combinam em funções visuais com maior ou menor complexidade por meio de modalizadores da realidade”.

Na imagem analisada, foco da nossa pesquisa, identificamos, segundo a GDV (KRESS; VAN LEEUWEN, [1996] 2021), os seguintes participantes interativos na postagem: o Administrador do Instagram do EspP, como sendo o produtor da mensagem e seus apoiadores/seguidores, como sendo os consumidores. Nesse sentido, todos os elementos verbo-visuais presentes, tanto na Ilustração 1 quanto na legenda da postagem, possuem um público-alvo determinado e, portanto, busca dialogar com pessoas que se alinham ideologicamente com o conteúdo compartilhado.

Na Ilustração 1, podemos apontar que existe uma tentativa de relacionar professores de língua inglesa como sendo apoiadores do Partido dos Trabalhadores (doravante PT), por conta da sua camisa de cor vermelha, bem como a existência da estrela branca do lado esquerdo do peito, que são marcas do referido partido. Historicamente, o Movimento Escola sem Partido é um opositor político às pautas de esquerda, que são – pelo menos em parte – seguidas pelo PT. Além disso, a figura é forçosamente masculinizada através de elementos como barba e vestimentas culturalmente associadas ao gênero masculino. Isso acontece, pois a ilustração 1 é um desdobramento de um caso de uma professora de experiência transexual que proferiu a citação contida na legenda⁴. Ou seja, tal reação esboça uma clara intenção de invisibilização da experiência não-binária de gênero – o que consideramos um forte indício de LGBT-fobia.

Na imagem compartilhada na postagem, encontramos também um adulto e duas crianças: o adulto – que representa docentes de língua inglesa – porta uma bolsa escrito “cartilha”, em alusão ao material do Projeto Escola sem Homofobia, vetado pelo governo federal por pressão da bancada religiosa em 2011, que

4 Tal postagem pode ser visualizada no perfil do Movimento Escola Sem Partido do dia 11 de fevereiro de 2020. Link para acesso à postagem: <https://www.instagram.com/tv/B8cHX9MJmlv/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>.

visava ao combate dos casos de homofobia nas escolas. Entretanto, esse material, elaborado durante o governo Dilma Rousseff (PT) e por meio de um convênio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), foi interpretado como um “kit gay”, que serviria para incitar a homoafetividade em crianças.

Dentro dessa bolsa, podemos identificar materiais com as cores da bandeira LGBTQIAP+. Também cabe alertar para a expressão raivosa do docente empurrando um desses materiais na boca de um menino, que aparece com os olhos também com as cores do arco-íris. Atrás do menino, enxergamos uma menina com a feição assustada, que observa o tratamento dado pelo professor ao menino. No alto da imagem, vemos escrito em caixa alta “GOELA ABAIXO”, em referência ao ato do docente reportado na imagem. Essa ilustração vem acompanhada da seguinte legenda na postagem:

Que imagem lhe vem à cabeça quando vc escuta, da boca de um travesti-professor (de inglês!), a frase: “Se eu não der minhas aulas criticamente*, pensando em atingir e transformar pessoas, eu não estou fazendo meu trabalho direito”? Seria essa, por acaso?
* inglês crítico? 😞 (@escolasempartidooficial)

Após análise dos elementos presentes na postagem, percebemos que o Administrador do Instagram do EsP se coloca como agente questionador de práticas educativas que promovam a criticidade dos estudantes durante as aulas de língua inglesa. Logo, é de suma importância destacar, para além da postagem feita pelo EsP, o apoio que postagens desse tipo recebem através de curtidas e compartilhamentos, bem como em comentários que, por vezes, reforçam a mensagem que a conta – que se diz oficial – passa para os seus seguidores.

Em busca realizada no dia 28 de setembro de 2022, não foi possível analisar quantas curtidas e quantos comentários a referida postagem recebeu, visto que apenas o administrador da página tem acesso a essas informações. Apesar disso, selecionamos alguns comentários que se alinham com a postagem, de forma a desmoralizar o professor de inglês, representado em uma ilustração:

Quadro 1 – Comentários presentes na postagem no Instagram do EsP

Comentário 1: “Patético! Porque o sujeito não se limita a dar sua aulinha de inglês direito, sem querer alcançar o famoso “formar cidadãos”? (João*)

Comentário 2: “Ele devia se dar ao respeito perante os alunos. Nunca vai ser mulher. Nuncaaaaaa. É um frustrado.” (Ana*)

Comentário 3: “Safado sem vergonha, doentes mentais. Covardes.” (Paula*)

Fonte: elaborado pelo(s) autor(es), a partir da postagem do Instagram do EsP.

No Comentário 1, identificamos um questionamento feito por João*, no qual o internauta, ao ver a postagem, demonstra uma certa aversão ao que envolveria o processo de formação de cidadão nas aulas de inglês. Embora a imagem retratada na postagem não aparente ser em uma sala de aula, o trabalho com a criticidade na educação básica, em especial no ensino fundamental – ao vermos crianças retratadas na Ilustração 1 – é embasado nos documentos oficiais, inclusive na BNCC, que determina que em todas as etapas de escolarização haja o fomento da criticidade, a participação ativa e o trabalho com a cidadania consciente dos educandos (BRASIL, 2018). Assim, “formar cidadãos”, algo que deveria deixar de existir, segundo o João*, é fator que deve ser sim buscado em todas as escolas.

Em contrapartida, nos Comentários 2 e 3, não vemos um direcionamento ao ensino-aprendizagem de inglês nas escolas, porém, identificamos ataques relacionados ao professor de inglês representado na Ilustração 1. Mesmo se tratando de um desenho e de nenhuma pessoa em específico, percebemos o teor de inferiorização de vidas travestis, ao considerar essa identidade como equivalente a ser “frustrado” na vida e até mesmo desrespeitoso com as crianças representadas na imagem. No Comentário 3, identificamos xingamentos (“safado sem vergonha” e “covardes”), tanto direcionados ao desenho da Ilustração 1, quanto aos demais professores de inglês representados na postagem, que seriam, na concepção da Paula*, doentes mentais.

A ofensiva de comentários como os expostos acima têm sido mobilizados por inúmeros segmentos sociais afetando o imaginário social através das “ameaças” que a presença de temas como sexualidade e gênero nas aulas de inglês representariam para o núcleo familiar, para as crianças e para a sociedade como um todo. No que se refere aos comentários e à própria postagem, destaca-se a percepção de que professores, ao abordarem a questão de gênero e sexualidade, estariam incentivando a desconstrução de uma suposta ordem natural tanto nos papéis sociais desempenhados por homens e mulheres quanto no exercício de suas sexualidades.

Assim, a escola estaria impondo a estudantes o que grupos conservadores consideram “ideologia de gênero”, como visto anteriormente, no caso da professora de inglês Virginia Ferreira. Segundo seus seguidores, a identidade do sujeito é definida no momento do nascimento pela sua genitália, invalidando, assim, a perspectiva de construção social dos papéis de gênero. A visão de sexo biológico binário (masculino ou feminino) define, então, a identidade de gênero (homem ou mulher). Seguindo a linha de pensamento desses grupos conservadores, a

sexualidade também seria um acontecimento da natureza humana, ou seja, não há orientação sexual, mas sim uma determinação que parte de uma visão binária de gênero. Dessa forma, a ordem natural para esse grupo de indivíduos é a cis-heterossexualidade.

Considerações Finais

A Pedagogia Crítica dos Multiletramentos (JANKS, 2016) nos permitiu compreender a importância dos impactos na formação cidadã que as notícias falsas têm no ensino-aprendizagem de língua inglesa. Para um ensino efetivo, crítico e transformador, faz-se essencial que o ensino-aprendizagem de inglês oportunize a discussão e reflexão sobre temas atuais e voltados para a promoção da justiça social. Porém, as fake news acerca do trabalho docente em escolas, em especial, em relação às questões de gênero e sexualidade, impulsionadas, em geral, por movimento mais conservadores da sociedade, como o movimento Escola Sem Partido, são fatores de angústia e insegurança sobre as imprevisibilidades do que pode acontecer aos docentes de línguas, ao tentarem abordar tais questões em sala de aula.

Lidar com as *fake news* torna-se categoricamente desafiador, pois somos todos suscetíveis ao contato com conteúdos publicados nas redes sociais que são produzidos por uma parcela conservadora da sociedade e que colocam em disputa interesses políticos. O objetivo desses grupos é se beneficiar das potencialidades da rede digital para disseminar as bases do pensamento cis-heteronormativo. Com efeito, o Brasil caminha para um contínuo retrocesso que coloca em potencial perigo aquelas/es que não estão em consonância com os critérios de enquadramento à norma, destinando-os à segregação e discriminação (LOURO, 2000).

Apostamos, assim, na importância do ensino-aprendizagem de inglês em sua vertente crítica como ferramenta para combater os discursos excludentes e preconceituosos nas redes sociais que apoiam uma perspectiva cis-heteronormativa; o ensino-aprendizagem de língua inglesa que busque a formação crítica de cidadãos e fuja da educação bancária – tanto criticada pelo patrono da educação brasileira, Paulo Freire –, respalda-se em trabalhar mais do que questões gramaticais e de memorização de palavras: espera-se, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), que se tenha, em toda a educação básica, a valorização da perspectiva multicultural. Dessa forma, podemos pensar em construir uma sociedade mais justa e igualitária, que respeite as diferenças socioculturais

através do trabalho acerca da promoção dos direitos humanos, que engloba a diversidade de gênero e sexualidade no ambiente escolar, inclusive, nas aulas de inglês (BRASIL, 2013).

Embora a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) não exponha preocupação com a diversidade de gênero e sexualidade de maneira explícita, principalmente no ensino-aprendizagem de língua inglesa na educação básica, podemos inferir que esse propósito não se exclui desse nível educacional, uma vez que o referido documento destaca que as competências gerais da educação básica seriam:

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (BRASIL, 2018, p. 10).

Dessa forma, ao buscarmos uma educação linguística que promova a criticidade dos educandos, poderemos fomentar o respeito às diferentes vivências, identidades de gênero e orientações sexuais, além de aproximarmos a pedagogia com a política (BRASIL, 2018, p. 472). Assim, um caminho para se tomar em diferentes espaços escolares seria a implementação de ações contra as diferentes violências explícitas e veladas, especialmente contra a comunidade LGBTQIAP+. Segundo Lins *et al.* (2016), se quisermos evitar a violência e a exclusão de pessoas LGBTQIAP+ nas escolas, e a consequente erradicação da evasão escolar, toda a comunidade escolar precisa se engajar em formações específicas sobre a temática de gênero e sexualidade para que possam identificar qualquer eventual discriminação ou violência contra pessoas de experiências que fujam à lógica cis-heteronormativa.

Segundo os autores, "a luta de movimentos sociais que demandam reconhecimento e de sujeitos que se sentem inviabilizados é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e democrática" (LINS *et al.*, 2016, p. 11). Acreditamos ser importante, dessa maneira, frente ao fenômeno das fake news, em nossas capacidades como pesquisadores em Linguística Aplicada e educadores, nos comprometer em problematizar os efeitos regulatórios de sexualidade e de gênero na vida de todas as pessoas, e ao mesmo tempo promover inteligibilidade sobre outras formas de potencial agentivo-colaborativo nas redes digitais para que possamos exercitar a empatia e assim expandir os direitos humanos de mulheres, pessoas não heterossexuais e os demais dissidentes da ordem sexu-

al e de gênero; construir uma sociedade mais justa e igualitária que respeite as diferenças socioculturais e conduzir nossas práticas educacionais de modo que estejam de acordo com a valorização dos direitos à educação crítica, à liberdade de cátedra e ao pluralismo pedagógico.

Referências

- ARAÚJO, J.; LEFFA, V. (ORG.) **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?** São Paulo: Parábola, 2016.
- BATISTA, A. A. G.; SOARES, M. B. **Alfabetização e letramento: caderno do professor.** Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005
- BRASIL. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Língua Estrangeira.** Brasília: MEC/SEB, 2006.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica.** Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.
- BUCCI, E. **Pós-política e corrosão da verdade.** Revista USP, São Paulo, n. 116, p. 19-30, jan./fev./mar. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/146574> Acesso em: 30 set. 2022.
- CARVALHO, F. S. P.; POCAHY, F.; SANTOS, E. **Por uma formação não fascista: experimentações docentes na cibercultura.** Revista Educativa, Goiânia, v. 20, n. 3, p. 752-768, set./dez. 2017. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/6846/3808> Acesso em: 02 out. 2022.
- CUNHA, A. A Gramática do Design Visual e a relação palavra-imagem na produção de sentidos de tiras da Turma do Xaxado. **Discursos Contemporâneos em Estudo**, Brasília, v. 3, n. 2, p. 63-83, nov./2018. Disponível em: <https://bit.ly/3VczQuJ>. Acesso em: 9 out. 2022.
- D'ANCONA. M. **Pós-Verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news.** Barueri: Faro, 2018.
- DAVIES. W. **The age of Post-truth Politics.** The New York Times. 24/08/2016. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/08/24/opinion/campaign-stops/the-age-of-post-truth-politics.html>. Acesso em: 27 set. 2022.
- DÖRNYEI, Z. **Research methods in applied linguistics: quantitative, qualitative and mixed methodologies.** Oxford: Oxford University Press, 2006.
- DUNKER, C. Subjetividades em tempos de pós-verdade. In: DUNKER, C. et al. **Ética e pós-verdade.** Porto Alegre: Dublinense, 2017. p. 11-41.
- FERREIRA, H. M. C.; COUTO JUNIOR, D. R. Juventudes, educação e cidade: a mediação dos dispositivos móveis de comunicação nos processos de aprender-ensinar. **Textura**, Canoas, v. 20, n. 44, p. 108-129, set/dez. 2018.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

- FRIGOTTO, G. A gênese das teses do Escola sem Partido: esfinge e ovo da serpente que ameaçam a sociedade e a educação. *In*: Frigotto, G. (Org.). **Escola "sem" Partido**. Esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira. Rio de Janeiro: LPP/UERJ, 2017, p. 17-34.
- JANKS, H. Panorama sobre letramento crítico. *In*: JESUS, D. M; CARBONIERI, D (orgs.). **Práticas de Multiletramentos e Letramento Crítico**: Outros sentidos para a sala de aula de línguas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.
- JONES, R. **Studying English language in the age of "Post-truth"**. English Language and Applied Linguistics. 2017. Disponível em: <https://blogs.reading.ac.uk/english-language-and-applied-linguistics/2017/01/11/studying-english-language-in-the-age-of-post-truth/>. Acesso em: 27 set. 2022.
- JUNQUEIRA, R. D. "Ideologia de gênero": a gênese de uma categoria política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma "ameaça à família natural"? *In*: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes (Orgs.). **Debates contemporâneos sobre educação para a sexualidade**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2017, p. 25-52.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images**: the grammar of visual design. London: Routledge, 1996.
- LE MOS, A.; LÉVY, P. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.
- LINS, B. A.; MACHADO, B. F.; ESCOURA, M. **Diferentes, não desiguais**: a questão de gênero na escola. São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.
- LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 7-34.
- LOURO, G. L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MISKOLCI, R. **Teoria queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- RECUERO, R. Atos de ameaça à face e à conversação em redes sociais da internet. *In*: PRIMO, Alex (Org.). **Interações em rede**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013, p. 51-69.
- ROJO, R.; MOURA, **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.
- ROJO, R.; MOURA, E. **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.
- SANTAELLA, L. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.
- TAKAKI, N. H. Contribuições de teorias recentes de letramentos críticos para inglês instrumental. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 12, n. 4, p. 971-996. 2012.
- TIBURI, M. Pós-verdade, pós-ética: uma reflexão sobre delírios, atos digitais e inveja. *In*: DUNKER, C. *et al.* **Ética e pós-verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017. p. 95-123.

Sobre os autores

Vanessa Moreno Mota - Doutora em Interdisciplinar em Linguística Aplicada (UFRJ). Professora de português e inglês do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ). Niterói-RJ. vanessa.mota@ifrj.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6382130566360331>. OrcID: <https://orcid.org/0000->

0002-2083-7567.

Bruno Cesar Nunes de Andrade - Doutorando em Linguística Aplicada (UFRJ); Rio de Janeiro-RJ. brunoandrade82@gmail.com. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1742529567645265> OrcID: <https://orcid.org/0000-0003-3116-940X>.